

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de outubro de 2013

*Textos de referência: J. Carrón, Como nasce uma presença?,
Suplemento de Passos, novembro de 2013, pp 17-28.*

- *Marta, Marta*
- *Annuncio*

Glória

Carrón: Continuamos o nosso percurso neste primeiro momento de trabalho depois da Jornada de Início de Ano. Quero começar retomando o texto a partir do qual tiramos a pergunta para estas férias e que nós trabalhamos na Jornada de Início de Ano, porque a partir dos testemunhos e contribuições que chegaram podemos ver de que modo estamos vivendo. Giussani dizia que “o grande problema do mundo de hoje não é mais uma teorização interrogativa, mas uma pergunta existencial [...]: ‘Como viver?’”, porque “o mundo de hoje é comparado ao nível da miséria evangélica”. Em quê se vê isso? O que caracteriza o homem de hoje? Dom Giussani diz: “A dúvida sobre a existência, o medo da existência, a fragilidade da vida, a inconsistência de si próprio” (L. Giussani, em J. Carrón: “Quem nos separará do amor de Cristo?”, supl. *Passos*, junho 2013, p. 7).

“Estou escrevendo porque queria confrontar com você o desafio que está acontecendo em mim. Tenho vinte e quatro anos, este é meu primeiro ano de trabalho, dou aulas de italiano em uma escola de ensino médio, e fui designada para uma classe de terceiro ano muito difícil: metade dos alunos são estrangeiros que fugiram com suas famílias de países devastados pela guerra ou que vieram em busca de uma vida melhor nesta que é vista como uma sociedade próspera; a outra metade da classe, pelo contrário, é formada por jovens ocidentais, suíços, que cresceram em um ambiente que supriu qualquer tipo de necessidade material desde que nasceram, fazendo com que tudo se tornasse supérfluo para eles, óbvio e, no fim, insuportável. A coisa mais surpreendente é perceber que a consequência destas teorias tão diferentes é a mesma para todos: um terrível e inatacável cinismo. Vou dar um exemplo para você entender o que quero dizer. Aqui está a redação – de qualquer forma muito bem escrita – de um menino que chegou há três anos na Suíça, sem pais (pensei em dar aos meninos uma indicação que pudesse ajudá-los a descobrir um ponto positivo em suas vidas, a partir do qual começar). Esta redação é o exemplo mais explícito, mas quase toda a turma respondeu algo parecido. Eles têm treze anos. O tema dado em sala de aula foi: Fale sobre algo ou alguém que faz você se sentir realmente importante. “Nada me faz sentir realmente importante, porque ninguém neste mundo é tão importante a ponto de ser impossível viver sem ele. Vejo o mundo de uma outra perspectiva: imagino o mundo e a vida como um carro, e cada ser humano é uma pequena peça dele; qualquer peça que falte poderá ser substituída, desde um pequeno parafuso, até o capô”. Não quero contar cada episódio que acontece comigo em sala de aula e que, na maioria das vezes, me faz sair de lá com lágrimas nos olhos, não tanto porque eles são tão violentos e cheios de raiva, desgostosos com a vida e sem qualquer hipótese positiva. Não, é muito pior, porque eles me fazem suspeitar que é verdadeiro o que eles pensam, quer dizer, suspeitar que o amor da minha vida não exista, ou, pelo menos não seja suficiente para responder a algumas experiências terríveis, não seja suficiente para diminuir um certo cinismo, não seja realmente suficiente para o coração de cada um. Peço-lhe que me ajude nesse trabalho. Sei que você já falou sobre o percurso na Jornada de Início do Ano (e agradeço por isso), e que sempre tenta nos fazer lembrar simplesmente o que nos aconteceu. Só que neste momento o embate com as circunstâncias é tão duro que me faz constantemente colocar em dúvida o que aconteceu, quer dizer, que Ele, dizendo meu nome com uma intensidade afetiva jamais vista, me fez descobrir a mim mesma. Não sei se Maria Madalena, quando procurava o corpo de Jesus, chegou a duvidar de que nada do que tinha vivido tivesse realmente acontecido. Ultimamente, parece-me estar igual a ela, que O procurava na escuridão e na

noite, mas com uma ponta de suspeita de que talvez tivesse sido tudo uma ilusão, de que não era realmente a resposta que se mantém diante de todas as circunstâncias da vida”. Este é o desafio que cada um de nós tem diante de si, porque quando nos encontramos em situações em que tudo se reduz à possibilidade de trocar – como vocês viram – um pequeno elemento do carro por outro, não sabemos mais o que fazer, mais que isso, começamos a suspeitar que é tudo uma ilusão, e ficamos entre o cinismo que está diante de nós e a nossa tentação de niilismo: eu me viro e atrás de mim vejo a ilusão de tudo o que me aconteceu, como se no fundo fosse nada. Isso nos faz realmente conscientes de qual é a situação: que estamos realmente, como diz Giussani, num nível absoluto de pobreza evangélica. Então, o problema é responder à pergunta: “Como se faz para viver?”, de tal modo que qualquer coisa que nos aconteça na vida não permita entrar a suspeita de que, no fim, nós (nós, que devemos “levar” algo para os outros) é que somos derrotados por essa situação. Por isso, é evidente que a fé não pode interessar àqueles que acreditam que tudo se pode trocar, como uma peça de carro. Impressiona-me que o Papa, na encíclica *Lumen Fidei*, cita Nietzsche, segundo o qual o cristianismo esvaziou o drama, diminuindo o alcance da existência humana. Ao contrário, o cristianismo será interessante apenas para aqueles que não esvaziaram o drama da vida, porque quem o fez vai se contentar em trocar uma peça por outra! Então, se não temos nada a dizer a jovens como aqueles da carta, isso está relacionado com a segunda pergunta da Jornada: “O que estamos fazendo no mundo?”. Porque se não respondemos a essa pergunta, também não respondemos à outra; como não podemos ser aquela peça que falta, começamos a duvidar, e ficamos perdidos. É por isso que a sociedade em que vivemos, com as suas circunstâncias, nos torna ainda mais conscientes do desafio, e então tudo se torna uma ocasião para aprofundar a questão.

Colocação: *Queria contar um pouco das coisas que aconteceram depois do nosso encontro na Rússia, e depois queria fazer uma pergunta. Desde que nos conhecemos, muitas coisas mudaram. Por exemplo, não me lembro quase nada do que falamos naquela noite, porém, a única coisa que eu levei comigo e que ficou grudada em mim foi o seu olhar, a maneira como você me olhou. E depois, com tudo o que aconteceu, eu entendi por que aquele olhar ficou tão grudado em mim, porque as coisas que aconteceram depois mudaram literalmente todos os meus planos, experimentei o que significa “o viver que quebra as pernas” (Pavese) e mais de uma vez pensei que eu não conseguiria suportar. Porém, a coisa incrível, e que posso lhe dizer agora, é que aos poucos a realidade começou a revelar que é realmente para mim. E isso é surpreendente, porque eu sempre me senti sozinha na minha fraqueza e na minha gaiola, e tudo sempre era limitante. Mas a presença desse olhar fez com que eu buscasse o mesmo olhar em todas as coisas que me aconteciam, sem precisar censurar nada. E assim eu comecei a viver aquela aventura humanamente apaixonante que eu tinha visto no início. E mesmo passando por circunstâncias aparentemente adversas, comecei a experimentar uma plenitude que me trouxe de volta à origem do encontro feito, tanto que eu posso repetir as palavras que você disse na Jornada de Início do Ano sobre Madalena: naquele momento eu me surpreendi com um olhar mudado, todo tenso a buscar aquele olhar, que é o amor da minha alma. “Ela pôde descobrir quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade até fazê-la sentir uma tal intensidade, plenitude, superabundância que nunca antes teria conseguido imaginar, e que só podia alcançar na relação com Ele”. E me surpreendi ainda mais quando me vi no meio de um movimento novo de amigos interessados em olhar o que estava acontecendo comigo e que participavam da mesma plenitude que eu estava experimentando. A última descoberta desse caminho que começou...*

Carrón: Posso lhe fazer uma pergunta? Não posso deixar de fazê-la: essa sua insistência sobre o olhar não é um pouco sentimental?

Colocação: *Não me parece sentimental.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Porque...*

Carrón: Fixe-se naquilo que você leu e naquilo que você disse: a questão de Maria Madalena é sentimental? Porque, no fundo, no fundo, quando nos encontramos diante de desafios, é como se aquilo que nos aconteceu não resistisse. Tudo desmorona e, então, dizemos: mas esse bendito olhar não será, talvez, sentimental? O que você leu sobre a Jornada de Início de Ano?

Colocação: *“Ela pôde descobrir quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade até fazê-la sentir uma tal intensidade, plenitude, superabundância que nunca antes teria conseguido imaginar”.*

Carrón: O que torna possível uma experiência como esta é algo apenas sentimental?

Colocação: *Para mim, não foi assim, tanto é verdade que eu fiz essa experiência num momento em que praticamente um caminhão passou por cima de mim!*

Carrón: Mas se não percebemos quando acontece, amanhã o humor muda ou as circunstâncias mudam e parece que a única coisa que aconteceu foi um simples contragolpe sentimental. Esquecemo-nos de que nunca fizemos experiência de uma intensidade humana e de uma plenitude humana assim, isto é, que a correspondência que pudemos experimentar foi uma exaltação do eu que sonhamos alcançar com um sentimentalismo qualquer! Tanto é assim que Dom Giussani diz que quando isso acontece – diferente de sentimental! –, é o sinal do divino. Mas, se nós não entendemos isso quando acontece e trocamos por um sentimentalismo qualquer, colocamos em dúvida aquilo que nos aconteceu e nasce a suspeita – como eu disse antes – de que seja apenas uma ilusão. Mas o problema não é que você suspeite de que se trata de uma ilusão, porque isso pode acontecer. Qual é o problema no fato de que a pessoa suspeite que se trata de uma ilusão? O problema é se a pessoa se tornou tão consciente do que lhe aconteceu a ponto de poder resolver o problema da dúvida e da ilusão em dois segundos. Mas, como muitas vezes não nos damos conta disso, então, somos reféns desta redução. Portanto, é percorrendo o caminho, quando você precisa enfrentar os desafios sucessivos, que entende que aquele olhar não se esgotava apenas em uma questão sentimental, mas carregava outra coisa cujo valor seria visto ao longo do caminho.

Colocação: *Como este é um caminho, depois eu busquei aquele olhar e o encontrei em muitos amigos que também estão por perto todos os dias. A última descoberta que fiz foi mais ou menos duas semanas atrás; depois de todas essas mudanças, todas essas coisas um pouco – digamos – excepcionais, mesmo que realmente não desejáveis, porém de qualquer modo excepcionais, há algo que está me desafiando: retomei a vida cotidiana, que poderia se tornar uma rotina, e embora não tenha perdido a consciência dessa graça que me aconteceu, eu faço a pergunta “Onde está o amor da minha alma?” todos os dias. Acontece comigo o que aconteceu com Maria Madalena no momento em que O encontrou ressuscitado e não O reconheceu porque estava perdida em suas lágrimas. No momento em que ela é chamada pelo nome, se vira radiante, vive aquela vibração, mas Jesus diz: “Não me retenhas, pois ainda não subi para junto do Pai”. E é isso que está acontecendo comigo agora. Quanto mais sigo você, mais sigo o trabalho que nos propõe fazer, mais sigo os meus amigos que têm um olhar assim para comigo e que vivem tão intensamente, e mais seguiria você, porém é como se você estivesse me dizendo: “Não me retenhas”. Então, me pergunto: é realmente assim? E, se é assim, quais são as características do homem que tende inteiro a buscar Jesus, mas que não O retém?*

Carrón: Não reter é uma modalidade nova de tratar a realidade, tornada possível apenas pela presença de Jesus: se chama “virgindade”. Ou seja, você está tão plena de alguma coisa, de uma presença que investe a vida, que não precisa possuir “de um certo modo” a realidade, e não – em primeiro lugar – por seu esforço ou ascese ou apenas pela energia e capacidade se deter; não, é que não tem necessidade disso, porque você está tão plena de uma outra coisa, tão transbordante, que você pode lidar com a realidade sem precisar retê-la como uma posse sua. Entende?

Colocação: *Sim.*

Carrón: E isso se descobre na vida, porque nestas férias, quando encontrei um rapaz que me falava de como, às vezes, tratava um pouco naturalisticamente a sua namorada, eu lhe disse: “Você vê o que ganha ao tratá-la assim; mas não pode imaginar o quanto perde como intensidade afetiva, como

capacidade de relacionamento e como profundidade de afeição e plenitude”. Por isso não é que Jesus desapareça porque não quer que o retenhamos; mas é exatamente porque Jesus existe que preenche a vida de tal forma que a pessoa não tem necessidade de retê-Lo, de reter o real, de possuir o real de um certo modo. Mas é preciso descobrir isso na experiência, porque para nós ainda é ficção, ficção! Está tão além da experiência humana para a grande maioria dos cristãos, que parece um sonho. Mas, de certa forma, todos fizemos uma experiência que documenta que não é irreal o que estou dizendo. Você já se apaixonou alguma vez?

Colocação: *Sim.*

Carrón: A primeira vez que vocês saíram, provavelmente antes de vocês se tocarem, ele lhe disse: “Você gosta de mim?”, e você disse que sim. Naquele relacionamento você experimentou uma plenitude que não pôde repetir tentando possuí-la, depois, de uma outra maneira. Tanto é assim que você se lembra daquele dia: como você gostaria que aquele relacionamento pudesse ter a intensidade do primeiro dia! Você experimentou isso de forma grandiosa! Então, não é um problema apenas de quem é chamado à virgindade, mas de todos, porque a plenitude afetiva é o que todos desejamos. A questão é que para poder vivê-la é necessária a presença de Cristo, a única que a torna possível.

Em muitas ocasiões, o que acabamos de dizer sobre Maria Madalena não é imediato para todos, ou não foi imediato para todos na Jornada de Início de Ano. Uma de vocês escreveu: “Querida contar o que está acontecendo comigo, porque percebo o enorme risco de que a fé não me interesse mais [estamos neste nível: que não nos interesse mais; e isso somos nós que dizemos, não os outros]. Apesar de amar e ter amado a experiência do Movimento até agora – eu fiz a experiência de Madalena, porque senão não sei se estaria dentro dessa história –, é como se depois de algum tempo eu vivesse de lucro e não de algo que acontece agora [é o que dissemos nos Exercícios: em algum momento, o evento tornou-se uma devota recordação, não é mais algo que está acontecendo agora]. Lendo o texto dos Exercícios, dei-me conta de que o meu amor a Cristo era intelectualizado e não uma experiência tão fascinante, exceto em alguns momentos. Revendo Dom Giussani no vídeo da apresentação da sua biografia, eu redescobri o que significa para mim a experiência de Maria Madalena. Com ele era tudo tão claro que entendi a diferença entre intelectualismo e uma presença, e estou no Movimento por causa dessa experiência. Daí nasceu o desejo de ler sua biografia atentamente para descobrir os traços daquilo que me fez estar viva. Nesse período eu deixei o coro em que estava há anos, porque não suportava mais o modo como o vivia. Em suma, na verdade eu me afastei um pouco das propostas do Movimento, mas fiz isso por uma falta real de juízo e de valor para mim. Agora a vida passou a ser algo que dá vontade de chorar, resta apenas o desejo de reencontrá-Lo, mas tenho uma grande dificuldade. Percebo que se eu deixo esse pedaço de companhia que Deus me deu, que é o grupo de Escola de Comunidade, é como se abandonasse o último fio que me mantém ligada à experiência do cristianismo. Mas eu preciso mudar, tenho uma grande necessidade de ser chamada novamente pelo nome. Como essa experiência de Madalena acontece com você todos os dias, ou, já a tendo feito, torna-se consciente em você a ponto de ser profundamente feliz?”. Esta é uma pergunta que se repete. De fato, uma outra escreve: “Na Jornada de Início de Ano, fiquei muito impressionada quando você falou sobre Madalena, sobre o seu nome pronunciado e como ela mudou a partir daquele momento. Eu me encontro em uma experiência de solidão onde tudo parece estar bem organizado, mas não me corresponde. Não ouvi chamarem o meu nome e, conseqüentemente não fiz aquela experiência pessoal e de comunidade. Permaneço agarrada como posso, e entendo que o meu movimento pessoal é sempre o que faz a diferença, mas é pesado e, às vezes, não temos a força para fazê-lo. Peço que me ajude”. Este é o paradoxo: embora todos participem do mesmo gesto, nos encontramos diante de experiências diferentes. Então, como podemos responder a essas perguntas? Através daquilo que acontece: “O início deste ano foi marcado pelo começo de um trabalho que poderia definir como traumático. O erro de outra pessoa recaiu sobre mim, fui a única a sofrer as conseqüências de uma situação, e não sinto o conforto da empatia dos colegas. Agitada por causa das coisas que aconteceram, me empenho em

ouvir a Jornada de Início de Ano, primeiro com dificuldade, mas à medida que aumenta a atenção, um amontoado de sentimentos invade a minha pessoa. Nas coisas que eu ouço, me pego fazendo memória dos muitos dons recebidos no meu relacionamento com Ele. No passado, já pude verificar que o que pode parecer um tiro pelas costas, se vivido no fundo com a consciência de ser amados, chegamos ao juízo de que o que acontece não esmaga o eu, isto é, que até um mal sofrido, compenetrado livremente, nos faz mais fortes e nos faz subir um pequeno degrau na escada da vida. Enquanto escuto Carrón dizer frases nunca totalmente compreendidas, de repente tudo se torna mais claro e, a um certo ponto, acontece como uma explosão, uma luz na escuridão, quando ouço que o encontro com o Movimento é como ser chamado novamente pelo nome, como aconteceu no Batismo. É como um detonador dentro de mim, e entendo que quando digo que algo me corresponde, aquele salto do meu coração que marcou alguns momentos vividos (tornando-os incanceláveis), aquela súbita comoção que é difícil de explicar racionalmente porque de alguma forma induzida por mim, nada mais é do que o eco do som de quando o meu nome, pronunciado durante o Batismo, foi acolhido e levantado para o céu para que o Mistério também estivesse em mim. Reverberação daquela graça: é isso que experimento todas as vezes que o meu eu se dilata e se redefine. Que maravilha senti depois desta intuição, foi como ver o meu Batismo! Parece loucura, mas entendi que o ter sido chamada pelo nome naquela primeira vez, como aconteceu com Madalena, é para sempre. Sinto que fiquei leve como uma borboleta, sou grata por este dom que me faz compreender que já tenho o meu bem e também tenho o desejo de dedicar um pensamento não mais cheio de raiva para aqueles que causaram meus problemas recentes. Estou mais forte porque conheço a fonte que sacia a sede, a minha mente se enche de gratidão”. O encontro com o Movimento despertou a graça do Batismo e continua a despertá-la através do anúncio cristão, como cantamos no início: “O que era desde o princípio, / o que ouvimos, / o que vimos / com os nossos olhos: nós vos anunciamos” . A questão é se cada um de nós percebe todo o alcance daquilo que dizemos. “Na Jornada de Início de Ano fiquei perturbada com a sua insistência sobre Maria e ouvia continuamente dizer o meu nome. Continuo relendo os apontamentos da Jornada de Início de Ano. Não sei dizer que tipo de perturbação provocou em mim as coisas que li, elas tocam a minhas fibras mais profundas e fazem ressoar o que tenho dentro de tal maneira que não consigo (praticamente nunca!) ir além do primeiro parágrafo e volto sempre para o início...”. Como isso acontece, como reacontece, mesmo para aquelas pessoas que em um certo momento podem ter dificuldade e, participando do mesmo gesto, não experimentaram a sua vibração? Este é o desígnio de Deus, também entre nós: Deus dá a graça para alguém para que continue a acontecer diante de nossos olhos, para que através dessa pessoa, através de seu testemunho, possa chegar também aos outros o mesmo eco do início. É o que Dom Giussani nos disse e que repetimos muitas vezes nestes tempos: “O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para quem o fato de Cristo é uma realidade presente de tal forma que mudou suas vidas. É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial” (L. Giussani, *O acontecimento cristão*, Bur, Milão 2003, p 24), como aconteceu com Zaqueu. E como isso pode acontecer também nos momentos de dificuldade? Pelo fato de que continua a acontecer em outros que podem testemunhá-lo e, assim, pode despertar continuamente – segundo um desígnio que não é o nosso – o eu de cada um de nós, fazendo-nos sentir novamente chamados pelo nome através do acontecimento dessa vibração. Por isso, a primeira questão não é tanto que aconteça em mim segundo uma imagem que eu tenho, mas que aconteça! Como quando alguém tem uma doença até agora incurável e descobre que um outro está curando. Logo percebe que esse fato é uma esperança, mesmo para ele, que ainda está doente. Que possamos ver que o acontecimento continua a se dar, esta é a possibilidade para nós.

Colocação: *Sobre o episódio de Maria Madalena, eu acho que não li (pelo menos não que eu me lembre) tão frequentemente um texto como este, que também é muito bonito. Lendo-o e tendo-o muito em mente no dia a dia, percebi uma coisa: que de maneira gradual, mas inexorável, a minha*

atenção vai se voltando cada vez mais para a surpresa de me perceber olhada de uma certa maneira e amada por Aquele que me olha. Porque o desejo de ser amada, afirmada, acolhida, é de todos, e eu preciso muito disso. Então, quando, na realidade, acontece de eu me sentir olhada assim, a surpresa, a gratidão é muito grande, mas através do trabalho da Jornada de Início de Ano eu percebo que a atenção vai para Quem olha para mim, porque muitas vezes eu me pergunto: se eu me sinto desse modo, que poder deve ter Quem me olha assim! Portanto, há um “deslizamento” da minha atenção para a origem desse olhar.

Carrón: Sentir-se olhado por Aquele que me olha. Muitas vezes temos dificuldade em fazer essa passagem. No entanto, mesmo se neste momento eu tenho dificuldade, se estou aqui é porque me aconteceu algo, e aquilo que me aconteceu foi Alguém que fez acontecer. Quem olha para mim? Por isso eu estou feliz, não porque “me sinto” agora mais ou menos olhado, mas porque há Alguém que me olha assim, tanto que não estou mais sozinho na realidade, com o meu nada. A fé, sempre dissemos, é o reconhecimento de uma Presença que pudemos tocar com as mãos em certos momentos, aqueles momentos que Dom Giussani, no final de sua vida, diante do Papa e de toda a Igreja descreveu: momentos, certos momentos que chegam até o coração, até o fundo do coração e que não podem mais ser eliminados. A experiência dessa correspondência única é tal que todas as nossas suspeitas, todos os nossos erros, toda a nossa estupidez não pode arrancar de nós, porque essa experiência única de correspondência não fomos nós que geramos e documenta Quem a tornou possível. Por isso, é Ele que eu reconheço na fé, que eu posso reconhecer agora; e fico feliz quando, mesmo olhando para a escuridão, posso reconhecê-lo. Foi o que vi dois dias atrás, em Kampala: as mulheres de Rose, todas com Aids (algumas maltratadas, outras viúvas, outras abandonadas), sentem-se definidas por aquele encontro que restaurou o seu valor, que as fez descobrir o valor da vida de cada uma. E garanto a vocês que a alegria que se via nelas dificilmente vemos entre nós. Isso significa que elas podem tocar com a mão... A pessoa da carta que citei antes me perguntou: “Onde você o encontra?”. Encontro lá, em Kampala, encontro naquilo que vejo e em outras coisas que todos nós vemos. Como encontrei ouvindo a música de Madalena durante a missa, e nos dias em que preparava os Exercícios dos *Memoires Domini*. Pensei em usar apenas para a introdução, mas depois que eu li, não conseguia arrancar de mim, e crescia, e crescia; em um determinado momento, eu não podia mais continuar sem sentir a necessidade de voltar a esse olhar que constantemente me gera, sem o qual eu não me olho direito. Mas, como vocês podem ir em frente sem voltar a experimentar constantemente esse olhar, sem voltar a ouvir seus nomes serem chamados? Porque o que acontece a Maria é o que acontece a cada um de nós: que possamos deixá-Lo entrar todas as manhãs, porque é constantemente anunciado a todos nós. Podemos acolher ou deixá-Lo se perder porque temos uma imagem de como deve acontecer, mas a nenhum nós, uma vez que nos foi anunciado, é impedido olhar através daquilo que aconteceu a Maria Madalena, porque todos nós não estaríamos aqui se não tivesse acontecido a mesma coisa conosco. Por esta razão, se não retornamos constantemente àquele ponto, se não convivemos com essas páginas de uma forma contínua, se não o fazemos se tornar um caminho (depois do milagre inicial), tudo se desfaz em nossas mãos, porque esse olhar não continua se eu não o deixo constantemente entrar e se não me torno constantemente disponível para deixá-lo entrar.

Colocação: *Gostaria de contar um fato para documentar o que você disse na Jornada de Início de Ano, especialmente onde fala sobre o início de uma consciência nova. Você disse: a pessoa pode olhar para a realidade através do buraco da sua ferida e bloquear o caminho do conhecimento, é preciso que Ele volte a acontecer. Nestes dias, trabalhei muito sobre o texto dos Exercícios, e me parecia tê-los claros, mas de repente me vi esmagado pelo peso daquilo que acontecia, ou seja, aconteceram algumas situações de trabalho nas quais, para conseguir responder a tudo, sentia-me bastante sufocado. E fiquei surpreso com o fato de, apesar de repetir tudo o que eu sabia, havia quase uma objeção: “Por que eu tenho que trabalhar tanto? Por que eu tenho que fazer todas essas*

coisas? Por quê?”. E me dava explicações: “Porque é justo responder bem aos clientes, é justo tratar bem os funcionários, é justo fazer de tudo, porque há uma crise...”

Carrón: Nós fazemos tudo, exceto voltar ao ponto. Tudo, tudo e muito mais!

Colocação: *É verdade. Tendo isso claro, sabendo as razões, esta manhã tive vontade de ir à missa, mas não pude porque havia uma reunião logo cedo. Então, lembrei que às 12:30 há uma missa na Universidade Católica. Fiz de tudo para ir. Terminei a reunião às 12:30...*

Carrón: Mas se você estivesse apaixonado... Bastaria que pensasse nela uma vez. Se estivesse apaixonado, para onde voltaria? O que prevaleceria?

Colocação: *Aquele amor.*

Carrón: Voltaria a encontrá-la.

Colocação: *Eu realmente tinha vontade de ir à missa.*

Carrón: Não é uma brincadeira. Estamos dizendo que nos debatemos entre muitas coisas, mas se não entendemos qual é a diversidade daquilo que nos aconteceu, fazemos de tudo e pensamos que todo o resto possa se organizar. Como se aquele olhar fosse uma entre as muitas coisas. Não, é “a” coisa! É o acontecimento. Então, ou entendemos isso e voltamos constantemente lá onde podemos deixá-lo entrar de novo, ou a única coisa que não verificamos é a fé. Verificamos todos os nossos pensamentos, exceto a única coisa que nos aconteceu.

Colocação: *Em suma, eu tentei ir à missa. Terminei a reunião rapidamente. Meio dia e meia: estou saindo da reunião e um deles me diz: “Com licença, preciso falar com você”. Eu disse: “Olha, eu tenho um compromisso importante” (porque era importante). Mas ele insistiu e eu parei, porque, de coração, eu queria responder. Perdi dez minutos, depois corri para a Universidade Católica na esperança de conseguir chegar pelo menos para a Consagração. Cheguei na igreja e encontrei o padre limpando o cálice, e tive um momento de decepção, de tristeza, e disse a mim mesmo: “Vim para nada”, e quase me senti culpado por ter parado para conversar. Na verdade, passei um minuto pensando: “Por que me sinto tão pesado? Por que toda essa necessidade de responder à realidade se no fundo é...”. Nada me aliviava. Então, eu me virei para o lado e vi um púlpito com o Missal aberto. Pensei: “Pelo menos vou ler o Evangelho de hoje”. Li-o rapidamente e me deparei com uma frase que diz mais ou menos: “Bem-aventurado o servo cujo senhor, voltando, o encontra fiel ao seu trabalho”.*

Foi uma libertação, uma total correspondência! Senti uma onda de alegria, então quando você diz sobre Madalena que “nada se compara a um instante daquela relação afetiva”, senti-me totalmente imerso no mistério do Pai.

Carrón: Basta que deixemos entrar, mesmo que apenas por um minuto, a Sua diversidade. Pergunto outra vez: “Como se faz para estar na realidade com a ferida que carregamos, que eu reconheço ser uma graça porque nos obriga a buscar o amor, mas sem deixar-nos definir pelo estado sentimental em que nos encontramos?”. Ou seja, como não parar no sentimento de um momento particular? Percebem como, muitas vezes, ficamos presos aí? É a pergunta que me faz também outra pessoa, que escreve: “Na Jornada de Início de Ano fiquei muito tocada com esta frase: ‘Porque qualquer objeção ou qualquer circunstância, ainda que dolorosa, carrega em si sempre algo de verdadeiro, caso contrário não existiria’. Um passagem anterior sobre as circunstâncias, me descreve bem : ‘Porque não somos capazes de ver a atração que existe nelas, por sermos tão definidos pela ferida; nós já reduzimos logo as circunstâncias porque pensamos já saber o que é a circunstância, pensamos já saber que não há nada de novo dentro dela, que temos apenas que suportá-la’. Ouvir que a circunstância carrega algo de verdadeiro me fez pular, porque neste período tão difícil, a circunstância, para mim, está separada da verdade. Sinto-me quase sufocada pela confusão e pela lista de coisas que não vão como eu gostaria. Antes, eu dizia: ‘Mas, pelo menos, tem Jesus’. Isso colocava uma pedra sobre tudo eliminando, assim, Jesus e eu. Mas o teste que você faz é muito razoável e você não me deixa nenhuma dúvida. É verdade, senão não existiria. Se existe, é porque há algo mais do que a circunstância adversa, há algo de verdadeiro dentro, caso contrário não existiria. Esta afirmação recoloca as peças no lugar. Você pode falar um pouco sobre

o que é este ‘carrega em si algo de verdadeiro, caso contrário não existiria?’. Como ter certeza de que a verdade, Cristo, está unida àquilo que acontece, mesmo nas provas mais duras? “.

Colocação: *Fiquei impressionada com o fato de que a vida está realmente contida naquilo que você disse sobre Madalena. E a comoção da qual você começou a falar nesta férias, não dura porque releio um texto, mas porque a vejo acontecer. No último sábado aconteceu, para mim, um momento clamoroso, entre os muitos nesse período, desse recontecer. Fui a uma prisão apresentar a Mostra sobre a Catedral de Milão (seis encontros nos vários pavilhões). O que me surpreendeu foi como nasceu essa história: há dois anos, um jovem matou duas pessoas. Foi indiciado rapidamente, foi preso e parou de falar, destruído com o que ele tinha feito. Alguns de nossos amigos que fazem caritativa na prisão começaram a visitá-lo. Durante meses, ele continuou mudo, até que no ano passado, depois do Meeting, enquanto lhe falavam da Mostra sobre a Catedral de Milão e dos que a construíram – todos homens pecadores –, de repente, comovido, ele disse: “Você está me dizendo que alguém como eu pode construir uma catedral?”.*

Carrón: É sentimental, isso?

Colocação: *E assim, durante a conversa, partiu dele a ideia de levar a Mostra da Catedral para a prisão, onde alguns detentos a explicariam aos outros detentos.*

Carrón: Você disse que esse rapaz ficou mudo por um ano e meio, que não falava com ninguém na prisão, até que ele ouviu falar sobre a Catedral. O homem fica paralizado diante de uma coisa tão terrível como matar uma pessoa por causa do juízo que tem sobre si mesmo como uma pessoa absolutamente sem valor! Em seguida, ouve falar da construção da Catedral: “Então é possível que ainda haja algo para descobrir neste meu eu, que penso não servir para nada?”.

Colocação: *A partir do “movimento” dessa pessoa, nasceu a Mostra, e eu lhe disse: “Você começou a construir a sua catedral”. Fiquei muito impressionada porque, indo à prisão, é como se eu tivesse feito a experiência, de um modo como nunca tinha percebido, como é abissal a necessidade que temos; somos realmente pessoas que choram sobre um túmulo, não só esse rapaz, e quando vemos isso acontecer diante de nós, percebemos aquilo que acontece também em nós, mas normalmente somos muito superficiais sobre isso. Temos uma impotência radical em relação às dificuldades dos outros e das nossas próprias. Por um lado, há essa nossa impotência absoluta e, por outro, o fato de que nós carregamos uma Presença pela qual fomos olhados por isso. E quando fui embora, pensei: “Preciso do Carrón, que me fala sobre Madalena, para entender a realidade, e preciso da realidade para entender Carrón que nos fala de Maria Madalena”. Assim, a verificação da fé não é o êxito, mas a auto-consciência, isto é, “Maria!”.*

Carrón: Somente isso pode reabrir a possibilidade, porque muitas vezes não temos uma resposta para despertar os jovens na escola, que já estão todos bloqueados. Ao contrário, quando trazemos esse olhar, podemos desbloqueá-los. É necessário especificar que não somos nós que podemos desbloqueá-los, mas o que nós trazemos. O que trazemos como em vasos de barro é capaz de abrir até mesmo alguém que ficou bloqueado por um ano e meio porque vê a vida toda através do mal que fez. Alguém de nós acha que está em uma situação pior do que a daquele prisioneiro? Ou pior do que a das mulheres da Rose? Ou pior do que os que se encontram em tantas outras circunstâncias que se pode imaginar? Sentir-se chamado pelo nome, seja qual for a circunstância, foi isso que reabriu aquele jovem. Ele não teve uma alucinação ou ouviu não sei que vozes. Simplesmente deixou entrar em sua própria vida o que outra pessoa dizia. Podemos ir visitar a Mostra sobre a Catedral como se fosse uma coisa óbvia, porque não temos consciência da necessidade que carregamos. Mas quando alguém tem a necessidade, intercepta o anúncio! Por isso, manter aberta a pergunta é a única possibilidade para interceptar o anúncio. Sem a necessidade, sem a real consciência da necessidade, o olhar sobre nós pode acontecer e nós não o percebemos. Como dizia Dom Giussani, a partir de uma frase do então Cardeal Ratzinger: “Não é possível carregar o opróbrio da vida, se não por causa da presença de um amante”. Mas a maior vergonha é o modo como se ama! Então, só é possível carregar “o opróbrio da vida” diante da presença de um amante

que não é “um” amante: é a presença de Cristo [...]. Somente olhando a amada e tendo os olhos cheios daquilo que está além, Leopardi pôde fazer o hino “À Sua Dama”, que não é um canto à mulher, é um canto à Mulher com M maiúsculo: é um canto àquilo pelo qual, na mulher, o homem sente uma atração que, de outra forma, não experimentaria [mas o que acontece? O fato de que para nós a circunstância é separada da verdade!]. Há uma tentação em nós: considerar como abstração a única hipótese – a única hipótese! – que dá substância à nobreza e grandeza das coisas, até a “densidade do instante” [para nós é uma abstração, porque para nós o concreto é outra coisa!]. [...] O que todas as pessoas [ao contrário] sentem como obviamente concreto diante da abstração do ideal, isso é realmente abstrato, porque abstrato quer dizer arrancado da consistência que só pode vir [...] da unidade com o todo” (L. Giussani, *Vivendo nella carne*, Bur, Milão, 1998, p. 289-290). Aquilo que nós chamamos abstrato é a coisa mais concreta. Eu vi, eu toquei com a mão quando, voltando da celebração da missa com as mulheres da Rose, ela me disse: “Precisei anunciar Cristo, mais do que pelo desejo de compartilhar com elas aquilo que eu tinha encontrado, porque era a única possibilidade para que essas pessoas reencontrassem o gosto pela vida. Porque todas essas mulheres têm Aids, e eu podia conseguir os remédios, mas elas não tomavam porque não tinham uma razão para viver. E foi apenas quando encontraram uma razão para viver, quando descobriram o próprio valor, que encontraram também uma razão para tomar os remédios”. Isso é o que temos muita dificuldade de entender. No entanto, são as coisas mais evidentes! O que é mais evidente do que a vida? Isto demonstra que aquilo que muitas vezes consideramos mais abstrato é, pelo contrário, a única coisa que faz redescobrir a evidência do valor da vida. Só descobrindo novamente o seu valor, aquelas mulheres tiveram uma razão para tomar os comprimidos para continuar vivendo. Por isso, “aquilo que todas as pessoas sentem como obviamente concreto diante da abstração do ideal, é exatamente abstrato, porque abstrato significa arrancado da consistência que só pode vir [...] da unidade com o todo. “Longe do próprio ramo, pobre folha frágil, aonde vai?”: a consistência da folha é a árvore inteira, [porque] uma folha no vento não diz mais nada” (*Idem*, p. 290). Por essa razão, dentro daquele jovem prisioneiro, dentro daquelas mulheres, vemos uma dignidade que sonhamos para nós! Eles, de maneiras diferentes, foram chamados pelo nome, descobriram o que são. É isso que realmente enche suas vidas de letícia. Sem isso, nós nos bloqueamos. Porque é somente uma Presença que desbloqueia tudo, que reabre a vida ao prisioneiro e às mulheres com Aids, assim como a pode reabrir a qualquer um de nós, qualquer que seja a situação em que nos encontramos. Só é preciso deixar entrar esta Presença, só é preciso que aquilo que nos é anunciado, qualquer que seja a modalidade com a qual nos é anunciado, possa chegar e entrar em cada um de nós.

Continuaremos a trabalhar sobre a segunda parte da Jornada de Início de Ano, porque agora podemos entendê-la melhor, sem sucumbir ao risco – que está sempre à espreita – de considerar a primeira parte como sentimental, pietista ou intimista, e a segunda como algo que diz respeito a organização, a estrutura, a associação; e, assim, já fizemos a bagunça. Para o jovem na prisão, descobrir-se olhado assim, foi tudo menos sentimental, ao contrário, foi exatamente o que o fez se tornar um protagonista, a ponto de desejar ele mesmo construir a catedral. O fato de que se perca isso de vista, de que nós perdemos isso de vista, separando as duas partes, indica o grau em que a unidade da experiência se rompe. Por isso, o que escutamos hoje talvez nos facilite entender mais o que estamos fazendo no mundo, o que estamos fazendo diante dos jovens (como dizia a primeira carta), o que estamos fazendo diante das pessoas (como faz a Rose), o que fazemos na prisão quando vamos encontrar as pessoas ou quando estamos com quem trabalha conosco ou nas circunstâncias mais normais da vida. Isto é o que Dom Giussani nos dizia, que repetimos nos Exercícios e que agora podemos entender cada vez mais: “O verdadeiro problema de CL [isto é, do Movimento] hoje, é a verdade da sua experiência e, portanto, a sua coerência com a origem. Entre nós há, muitas vezes, uma atitude em que a principal urgência é a forma como as coisas vão, como vai a comunidade, enquanto a urgência deve ser a de reavivar uma sensibilidade pela verdade da

experiência do Movimento” (“O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência”, por L. Cioni, CL *Litterae Communionis*, vol. 4, Itália, abril de 1977, p. 8). Por que Giussani insiste nisso? Porque ele tem uma percepção muito clara de qual é a situação, como estamos vendo: “Em uma sociedade como esta, não é possível criar algo novo se não for com a vida: não há estrutura, ou organização, ou iniciativa que se matenha. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relacionamentos, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha” (“Movimento, ‘regra’ de liberdade”, por O. Grassi, CL *Litterae Communionis*, vol. 11, Itália, novembro de 1978, p. 44). Por isso, se o Movimento não é a experiência da fé que ilumina a vida, os meus questionamentos, não pode ser uma proposta para os outros. Só podemos nos tornar uma presença que responde à situação que estamos vivendo se para nós a fé for uma experiência que ilumina os meus questionamentos, que soluciona os meus questionamentos, senão como achamos que podemos comunicá-la aos outros? Na primeira dificuldade, nos vem a suspeita de que, no fundo, pode ser uma ilusão. Então, não podemos separar as duas coisas. Deste ponto de vista, a carta que escrevi para a Fraternidade depois do encontro com o Papa é uma oportunidade para nos tornarmos conscientes daquilo que aconteceu em nossa vida e o que estamos fazendo no mundo; entendemos que o Papa tem essa preocupação e nos testemunha isso de uma forma tão brilhante que reler as suas palavras neste contexto parece-me o maior presente que o Papa pode nos dar, realmente para nós. Por isso, continuaremos a trabalhar sobre a segunda parte do texto do Início de Ano: “O que estamos fazendo no mundo?”, e sobre a carta à Fraternidade.

Avisos:

Livro do Ano: *Vita di don Giussani*, de Alberto Savorana (Milão, Ed. Rizzoli, 2013; disponível apenas em italiano). Fico impressionado com o fato de que naqueles que começaram a ler o livro, imediatamente nasce o desejo de torná-lo conhecido a outros. É a mesma coisa que dissemos antes: temos o desejo de difundir-lo, torná-lo conhecido aos outros, de falar sobre o livro, na medida em que faz bem a nós e na medida em que fomos tocados por ele. Por isso, nós seremos os primeiros a difundir-lo. Acontece sempre a mesma coisa: a vida é, como diz Giussani, irredutivelmente minha.

O site da Fraternidade, a partir deste mês, está completamente renovado graficamente e no conteúdo. No site vocês também podem encontrar informações úteis à vida do Movimento (por exemplo, as datas das Escolas de Comunidade, dos Retiros, os principais avisos e muito mais).

Por favor, anotem na sua agenda o dia **27 de Abril de 2014**, dia da **canonização de João Paulo II** e de **João XXIII**, em Roma, e o dia **10 de maio de 2014**, em que a Conferência Episcopal Italiana organizou uma grande **manifestação sobre a escola**, na praça S. Pedro, com a presença do Papa.

Este ano, na Itália, a proposta do **Dia Nacional da “Coleta de Alimentos”**, que será realizada **sábado, 09 de novembro de 2013**, organizado pela Fundação Banco Alimentar, é antes de tudo uma oportunidade para nos educar a viver o que o Papa disse: “...quando o alimento é compartilhado de modo justo, com solidariedade, ninguém é privado do necessário, cada comunidade pode ir ao encontro das necessidades dos mais pobres”. Por isso, convido a todos a aderir, a apoiar este que é um gesto de caridade, daquela caridade da qual falamos na Jornada de Início de Ano.

Inscrição na Escola de Comunidade. A inscrição é um sinal de participação na vida do Movimento, é um pequeno gesto educativo com o qual expressar o desejo de ser sério em um trabalho que começa a se tornar próprio, chegando a nos fazer retomar o texto todos os dias. Aderindo pessoalmente faremos o teste, porque a liberdade está cada vez mais em jogo e, felizmente, eu digo, porque cada um tem a possibilidade de dizer “Eu” diante de Cristo: eu quero

participar disso ou não? Para quem ama a liberdade e ama dizer “Sim” a Cristo, não como rotina, mas como uma coisa fresca: “Hoje, eu quero aderir hoje”, ocasiões como esta são preciosas.

A próxima Escola de Comunidade [com padre Carrón] será realizada quarta-feira, 20 de novembro, às 21:30. Lembro que está ativo um endereço de e-mail para o qual vocês podem enviar perguntas e breves colocações sobre o texto da Escola de Comunidade proposto. Peço que enviem até a noite do precedente ao nosso encontro, de modo que tenhamos tempo para lê-los. O endereço de e-mail é: sdccarron@comunioneliberazione.org, eu recomendo que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Veni Sancte Spiritus.